

## Áreas de vida de juvenis de maracanã (*Primolius maracana*) na APA e Revis da Ararinha Azul, Estado da Bahia

Vitória Melo de Araújo<sup>1</sup> (vitoria\_melo\_araujo1@hotmail.com),  
Camile Lugarini<sup>2</sup> (camile.lugarini@icmbio.gov.br),  
Sueli Souza Damasceno<sup>3</sup> (suelly.damasceno@gmail.com),  
Cristine da Silveira Figueiredo Prates<sup>3</sup> (cristine.prates@gmail.com),  
Mercia Milena Alves de Ataíde<sup>3</sup> (merciamilena9886@gmail.com),  
Damilys Maria da Silva Oliveira<sup>3</sup> (damilysoliveira1999@hotmail.com),  
Tatiane Alves Pereira<sup>3</sup> (tatianealves050@gmail.com),  
Leticia Pereira Martins<sup>3</sup> (leticia.martins@icmbio.gov.br),  
Leomar Martins<sup>3</sup>, Carlos Candia-Gallardo<sup>4</sup> (floresta@gmail.com)

1 - Bolsista PIBIC-CNPq/ICMBio, Universidade do Vale do São Francisco, 2-Núcleo de Gestão Integrada do ICMBio em Juazeiro, 3- Projeto Ararinha na Natureza/ICMBio, 4-Laboratório de Ecofisiologia e Fisiologia Evolutiva, IB, USP

Estudar a movimentação de animais é importante para entendermos como eles fazem uso do espaço e dos recursos, conhecimento indispensável para respondermos a uma gama de perguntas tanto teóricas quanto aplicadas à conservação. Técnicas de rádio-telemetria são muito úteis para rastrear animais crípticos e/ou de grande mobilidade, sendo a única opção para o estudo de movimentos de diversas espécies cuja observação direta é inviável. Neste estudo monitoramos os movimentos de juvenis de maracanã (*Primolius maracana*) nos seus primeiros meses após abandonar o ninho na Área de Proteção Ambiental (APA) e Refúgio de Vida Silvestre (Revis) da Ararinha Azul, na Caatinga do interior da Bahia, a fim de: 1) delimitar a área de vida dos juvenis e como ela aumenta com o passar do tempo; e 2) testar protocolos de monitoramento por rádio-telemetria, utilizando comunitários locais e estudantes e considerando as particularidades da espécie e da região, visto que esta espécie será utilizada como modelo para embasar o projeto piloto de reintrodução da ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), espécie provavelmente extinta na natureza. Onze juvenis de maracanã de cinco ninhos foram marcados com rádio-colares Holohil modelo SI-2C (12 g) e rastreados manualmente por monitores treinados munidos de receptor R-1000 e antena Yagi, ao longo de tempos variados, entre maio de 2017 e julho de 2019, abarcando três estações reprodutivas (estação chuvosa) e estações secas posteriores. Estimativas de posição dos indivíduos foram obtidas por meio de triangulação, e estimativas de área de vida obtidas pela técnica do mínimo polígono convexo (95%). Além disso, 11 filhotes acessíveis foram marcados com plaquinha de identificação para observação em solo nas estações reprodutivas de 2018 e 2019. O sinal dos rádios permaneceu ativo entre 22 e 159 dias. A detecção de plaquinha se deu até seis meses depois da marcação. Áreas de vida puderam ser estimadas para nove dos 11 juvenis, e variaram entre 4,3 e 191,3 ha (média = 65,7 ha). A área de vida aumentou exponencial ou linearmente ao longo do tempo, dependendo do indivíduo. O aumento médio observado foi de 0,3 ha/dia, considerando um modelo linear. Durante as três estações e no período subsequente, os pais e juvenis foram visualizados em voo, algumas vezes em bandos com outros casais, ou pousados na árvore ninho (caraibeiras) ou em baraúnas (*Schinopsis brasiliensis*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*) e marizeiro (*Geoffroea spinosa*). Após os meses de agosto não foram mais detectados sinais de

nenhum juvenil. Em janeiro de 2020 foi fotografado um juvenil com rádio colar, o qual permaneceu fixado pelo menos por 10 meses. Um evento de predação foi registrado, quando foram encontradas penas, anilha e colar de um juvenil dois meses após a saída do ninho. Uma das possíveis causas para a não detecção de indivíduos monitorados entre os meses de agosto a novembro pode ser o deslocamento à procura de mais recursos, visto que estes são os meses que coincidem com a estação seca. O protocolo de monitoramento por rádio-telemetria forneceu informações inéditas sobre uso do espaço dos juvenis, porém mostrou um custo-benefício regular considerando o tempo investido e a quantidade de dados obtidos. Tecnologias remotas baseadas em GPS podem ser promissoras para o estudo das espécies-alvo.

Agradecimentos: CNPq e Projeto Ararinha na Natureza apoiado pela Vale S.A.